



“TERAPIAS NÃO CONVENCIONAIS NO SNS PARA ACESSO A TODOS”

ESCOLA UNIVERSITÁRIA VASCO DA GAMA

É isto que Humberto Rocha considera crucial. Em entrevista à Revista Negócios Portugal, o professor da Escola Universitária Vasco da Gama refere que as terapias não convencionais deviam ser integradas, de forma progressiva, no Sistema Nacional de Saúde, já que só dessa forma se conseguiria democratizar o seu acesso a todos os portugueses. Nesta escola encontra-se atualmente em funcionamento um curso de Pós Graduação em Osteopatia, um curso de Osteopatia para Profissionais de Saúde e em breve será anunciado um Curso Básico em Terapias Integrativas.



LUÍS VILAR, HUMBERTO ROCHA, SILVÉRIO CABRITA E BORGES DE SOUSA

Para as pessoas que estão pouco familiarizadas com esta temática, explique em traços gerais o que faz um osteopata?

O osteopata é um clínico especializado numa Terapêutica Manual. É um profissional de saúde com autonomia, que baseia o seu diagnóstico numa investigação cuidada da história do paciente, na pesquisa diferencial de diagnóstico, isto é, numa avaliação clínica do paciente (palpação, auscultação, avaliação neurológica, etc.) e numa avaliação osteopática rigorosa, ou seja, o seu conhecimento profundo em biomecânica, anatomia e relação do sistema neuro-músculoesquelético, é o que vai permitir a este profissional a decisão se é seguro tratar o paciente e se sim, fá-lo baseado nos mecanismos fisiológicos e biomecânicos do corpo, com técnicas manuais que atuam em vários tecidos.

Que doenças ou questões clínicas pode um osteopata ajudar a tratar?

Em todos os tecidos que por incapacidade de equilíbrio por parte do organismo, possam ter ficado disfuncionais. Explicando melhor, se pudéssemos

descrever o nosso organismo em poucas palavras, seria a sua capacidade altamente eficaz e complexa de manter a homeostase, ou seja, o equilíbrio. Porém, se traumas de repetição, traumas agudos ou doença forem demasiado agressivos, podem ser um obstáculo à capacidade de manutenção desse equilíbrio. O que o osteopata faz é precisamente ajudar o corpo nesse processo, minimizando ou eliminando esses obstáculos. O que as técnicas manuais fazem é devolver aos tecidos (músculos, articulações, nervos, etc.) a sua capacidade funcional. O osteopata a tua no aparelho neuro-músculoesquelético, logo quaisquer disfunções a ele associadas, tais como tendinoses, disfunções articulares provocadas por processos degenerativos, problemas discais intervertebrais, contraturas de esforço e repetição, compressões de nervos ou raízes nervosas, em algumas doenças reumáticas, dores articulares, cefaleias cervicogénicas, cefaleias tensionais, distúrbios vestibulares, lesões desportivas, entre muitas outras.

Como é vista hoje a osteopatia em Portugal?

Cada vez é mais bem recebida pelos profissionais de

saúde e cada vez mais procurada, tanto por pacientes, como por outros profissionais à procura de aumentar as suas valências. A parceria interdisciplinar é cada vez mais uma componente alargada na área da saúde.

Que passos importantes já foram dados e quais os que estão ainda por dar nesta área?

Os primeiros passos importantes, em relação à regulamentação profissional, foram dados em 2003. A continuação desse caminho está agora nas mãos da ACSS e DGS, que tudo indica concluir os seus trabalhos em 2014. Outros marcos importantes da osteopatia em Portugal foram as várias parcerias com universidades portuguesas e estrangeiras no desenvolvimento de programas académicos desta área.

Que diferenças existem entre a importância dada a esta área em Portugal e em outros países europeus?

Penso que em Portugal a osteopatia é vista da mesma forma que noutros países onde não está regulamentada. Cada vez há mais formação e investigação. Em relação ao Reino Unido ou França, as realidades são bem distintas. No caso do Reino Unido por exemplo, o osteopata goza de total autonomia, comparticipação de seguradoras e é um profissional de saúde dos cuidados de saúde primários. Tem um currículo académico muito completo.

Que justificação encontra para estas diferenças?

Estes países talvez tenham percebido há mais tempo a importância da prevenção e ainda mais a lacuna no tratamento de problemas do aparelho músculo-esquelético. 70 por cento do nosso corpo são músculos e articulações e requer um gasto de energia brutal. Se não estiver em ótimas condições vai afetar todo o resto do corpo. A verdade é que o tratamento conservador apenas disfarça o problema e como disse, há uma grande lacuna na resposta a estes pacientes.

Este curso, que arrancou em novembro é destinado a profissionais de saúde. Que vantagens considera que traz a esses mesmos profissionais?

Podem melhorar as suas competências e aprofundar o conhecimento numa ciência vasta, de investigação e que olha para o corpo humano de um ponto de visto global.

Que plano curricular e focado em que temáticas?

As grandes valências do osteopata são os conhecimentos profundos de anatomia palpatória, fisiologia e biomecânica, mas também de outras áreas das ciências biomédicas como a neurologia, a ortopedia, a reumatologia, etc.

Que expectativas tem para o crescimento desta terapia e outras não convencionais no nosso país?

A expectativa é elevada uma vez que a "cultura do bem estar" está instalada no dia a dia das pessoas. O equilíbrio do ser humano passou a ser reconhecido e assumido como um todo e as terapêuticas integrativas são nucleares para se atingi-lo, conjuntamente com a nutrição, com os cuidados estéticos, com o termalismo e outros conceitos indispensáveis ao desenvolvimento no país de um turismo da saúde.

Acha que os portugueses já têm conhecimento sobre esta área e estão sensibilizados para a sua importância?

Penso que não. Há um enorme trabalho a fazer de divulgação, sobre os benefícios destas terapêuticas. Por outro lado, é crucial que de forma progressiva estas terapêuticas possam ser parte integrante do Serviço Nacional de Saúde, uma vez que só assim se democratiza o seu acesso a todos os portugueses.

Quais os projetos para o futuro?

A Escola Universitária Vasco da Gama — EUVG/Coimbra pretende-se posicionar como a Instituição de Ensino Superior das Terapêuticas Integrativas na grande região centro. Nesse sentido, estabeleceu protocolo de colaboração com o ITS - Instituto de Técnicas da Saúde, dirigido pelo professor Borges de Sousa, tem colaboração com a C.E.M.I. - Câmara dos Especialistas em Medicina Integrativa, presidida por Jorge Fonseca e projeta em breve poder ministrar o Curso Básico de Homeopatia- Programa Europeu que tem a Coordenação Pedagógica de Hélio Paulino Pereira. Este curso é ministrado há cerca de 27 anos em Portugal e constitui a referência do ensino da homeopatia no país. Com a Instituição colaboram ainda médicos e outros profissionais de saúde de reconhecido mérito e que há anos se dedicam à prática das terapêuticas integrativas.



HUMBERTO ROCHA

Presidente do Conselho de Direção da EUVG